

"DESAFRONTA"

de Manuel Canelas Júnior
Um livro de polémica

MANUEL Canelas Júnior, cujas relações com o pugilismo, embora venham de data remota, só o tornaram conhecido depois que trouxe a Portugal um grupo de amadores moçambicanos, acaba de publicar um livro de combate e polémica intitulado «Desafronta».

Tanto pela sua extensão e indole como pelo melindre dos factos e sentimentos que nele se expressam, torna-se difícil fazer qualquer apreciação integral e satisfatória do texto. O acto de se tomar, inadvertidamente, partido por uma das partes, faria ingressar o crítico na coorte dos polemistas, podendo inferir-se, até, parcialidade ou preferência excusadas.

Por esse motivo, somos forçados a apresentar, apenas, um ligeiro estudo dos assuntos que se debatem em «Desafronta», extraindo conclusões de utilidade para os leitores e para o pugilismo nacional.

É evidente que Manuel Canelas e Beni Levi constituíram um binário, ou *landem*, funcionando harmonicamente até ao dia em que o boxeador deixou de acumular triunfos. Mas a vida dos pugilistas não é compatível em toda a espécie de excessos e desacertos. Por certo que Levi não se guiou sempre pelos conselhos do seu amigo e protector Manuel Canelas e os resultados de tal procedimento são hoje bem patentes...

A posição dos restantes componentes do agrupamento só pode ser bem apreciada por quem conheça a mentalidade dos indígenas africanos.

Foi um erro de psicologia ter trazido Wilson e Xangai, bruscamente, de um meio para outro onde, por infeliz circunstância, se cotam por igual um branco de mentalidade elevada e um preto em transe de transformação, um «assimilado», em suma.

A breve trecho, a indisciplina e a ambição deles veio transtornar os planos e os cuidados de Canelas e daí o retorno dos africanos ao lar (de onde não deviam ter saído...).

Somos dos que pugnam intransigentemente pelo apuramento da cultura, das maneiras, da índole e do carácter dos jogadores de boxe. Individuos de baixa condição moral ou de insuficiente progresso mental são bons para lançar à margem...

A nossa maneira de encarar os dados do problema não deve ferir a sensibilidade do leitor. É fruto de experiência larga.

Há ainda no livro de Canelas o aspecto comercial do «seu caso». É o ponto nevrálgico da obra. A expressão, muito popularizada, de que *desembarcou*, aplica-se com terrível verdade e eficiência ao técnico do Clube Ferroviário. Apesar disso, os lucros de 135 mil escudos, arrecadados, e indicados a páginas 206 do seu livro, constituem uma óptima receita para ano e meio de trabalho efectivo!

Mesmo assim é crível que Manuel Canelas, tendo falhado como orientador comercial por falta de experiência (que idéia peregrina,

alimentar os pupilos à sua custa!) e excessiva confiança com amigos pouco sólidos, se tenha prejudicado altamente e comprometido os seus haveres pessoais.

O livro «Desafronta» ficará como um desabafo enérgico e uma justificação de alguns actos mal conhecidos e mal interpretados pelo público. Nós estamos convencidos de que Levi foi, comercialmente, mal governado por Canelas, isto é, que o *manager* não tirou o partido possível do trunfo que tinha nas mãos. Também nos parece que o binário funcionou e gastou demasiado à larga, sem olhar ao futuro e esquecendo a fábula da cigarra e da formiga... Tudo isso não justifica, porém, o pormenor escandaloso com que certas passagens do livro são expressas, nem o ataque cerrado aos empresários, com os quais, afinal, sempre fez contratos de certa importância e rendimento pecuniário.

Em resumo, Manuel Canelas pretende desvendar em pormenor toda a sua actividade como *manager* — e julgamos tê-lo feito com verdade e sinceridade ainda que, por vezes, com alguma paixão. A honestidade dos seus processos, sobretudo nas relações com os adversários de Levi, foi sempre máxima — facto importante — e o campeão português ganhou os combates devido aos seus méritos e nunca por *chiqué*.

Eis um acontecimento que convém assinalar.

R. B.

RECORDAÇÕES

AMÉRICO PACHECO desportista nortenho

jogou uma vez pelo Vie au Grand Air du Médoc...

POUCOS se lembrarão do caso. Mas na capitul do Norte ainda há velhos do futebol que o recordem, principalmente quando é oportuno apreciar qualidades de bons desportistas — coisa que é preciso ler sempre em linha de conta...

Não sabemos se algum dos leitores se lembra de Américo Pacheco. Mas apresentamo-lo: Américo Pacheco, 55 anos de idade, ainda jogador de *hockey* em campo na reserva do Leixões S. C., antigo membro do conselho técnico da A. F. do Porto, presidente da mesma Associação, antigo jogador do 1.º *team* de futebol do seu velho clube e da Associação do Porto, «tenista» dos mais categorizados do Norte, etc.

Pois há anos, quando categorizado jogador de futebol, exibiu-se em Portugal, no Porto, pelo grupo de honra do Vie au Grand Air du Médoc, vindo de França para enfrentar alguns grupos de Lisboa e também o campeão do Norte.

Por pertencer ao *team* francês? Não. Apenas por empréstimo...

Isto deu-se quando entre desportistas reinava a melhor harmonia, quando se praticava futebol por emporismo. Presidia ao Futebol Clube do Porto o dr. Guilherme Pacheco, hoje director do *Jornal*

O TORNEIO INTER-CLUBES à margem dos resultados

OV Campeonato de Lisboa, inter-clubes, atingiu a fase culminante que antecede as derradeiras jornadas — as das grandes decisões. Incontestavelmente, é o torneio que mais entusiasmos desperta em todas as camadas do meio xadrezístico da capital. A semana que o antecedeu foi de grande actividade para os organizadores das equipas, empenhados em «pescar» os melhores elementos ainda livres de compromissos... O torneio veio fornecer novas surpresas em matéria de transferências.

Na lista que publicamos a seguir podem verificar-se as dissidências, assim como as alterações efectuadas na disposição dos *tableiros*. A ordem das equipas é a das classificações obtidas no ano passado, e a dos jogadores é a das respectivas mesas: G. X. do Estoril: Moura, Machado, Silley e Nandin (ex-Técnico); supl.: Neves (ex-Técnico) e Reis (estreante). Belenenses: Lupi (3.º), Ribeiro (1.º), Braumann (2.º) e Ramos; Cruz e J. Costa (ambos da I. N.). Benfica: C. Pires, Russell, A. M. Pires e Nascimento; Dias (ex-I. N.) e Ventura. Clube dos Caçadores: R. Silva, Esteves (3.º), Antunes (4.º) e Galhardo (ex-Paladium); P. Costa e Alcáide (estr.). I. S. Técnico: Freitas (4.º), Serra (3.º), Paisa (2.º) e Carneiro; Castro e Melo e Quaresma (todos estr.). Hockey Clube: Dore (ex-Sacor), Lasvignes (ex-Estori)

Vinagre (1.º) e V. Santos (2.º); Mesquita (3.º) e Cesar (4.º). Paladium: Rocha (ex-Barreiro), Sousa Dias, Caldeira e Castro; Baltasar e Lima (todos estr.). Inst. Britânico: Anderson, Brito (3.º), Summers (2.º) e Osório (supl.); Maia e Downes (estr.).

Depreende-se, da constituição do elenco, que mais uma vez a luta será travada, para o 1.º lugar, entre os três «grandes»: Estoril, Belenenses e Benfica. São justamente as equipas que menor número de substituições apresentaram — e as únicas que contam com o concurso de Mestres.

G. X. do Estoril é a nova denominação da equipa da Costa do Sol, detentora da taça. O ingresso de Nandin, campeão da categoria de honra, é mais um trunfo nos estorilenses — que batem um curioso recorde: subiu agora a 20 o número de jogadores que o representaram já nas cinco edições da prova. Note-se que só 12 foram efectivos; os restantes limitaram o seu concurso a uma ou outra partida, como suplentes. E alguma coisa resultou desse sistema: em 1940 foi 4.º classificado, 3.º em 1941 e 43, e 1.º em 1944.

O Belenenses parece disposto a arrebatar o troféu ao G. X. Estoril — e com legítimas aspirações. A unidade da equipa será o seu maior trunfo, se for possível mantê-la. Há a lição do ano passado...

O Benfica é também partidário do sistema «conservador». A tradicional dedicação clubista de que os «encarnados» se orgulham prova-se uma vez mais: o Benfica, concorrente desde o 1.º ano (campeão em 1940, 2.º em 1941, novamente campeão em 1943 e 3.º em 1944), só recorreu ainda a 9 jogadores (2 suplentes) na representação das suas cores.

Em valor e homogeneidade seguem-se três equipas rivais — Caçadores, Técnico e Hockey — constituídas por jogadores de 1.ª categoria e honra. Os primeiros têm levado a melhor, mas tanto os estudantes como os «hockeístas» apresentam-se decididos a modificar o panorama...

Os restantes — I. Britânico e Paladium — apresentam-se algo desfalecidos, principalmente o último, cujo elenco sofreu total remodelação. É provável que a luta para a fuga ao último lugar seja travada entre estas equipas — que, aliás, em brim e combatividade não ficam diminuídas perante as mais cotadas.

Pena é que não haja um troféu qualquer para premiar o esforço dos chamados «fracos» — que decerto nunca poderão aspirar à honra de serem primeiros entre os primeiros. Um «Prémio de Mérito» a disputar, por exemplo, entre as equipas que não contam com o concurso dos Mestres — a «sombra negra» que lhes faz duplicar a força!... — seria um estímulo que muito contribuiria para a valorização desta magnífica prova. Aqui fica a sugestão...

VASCO SANTOS

R. T.

ASSINE A «STADIUM»